

ANNE  
da ILHA





L. M. MONTGOMERY

ANNE  
da ILHA

 editora  
coerência

TRADUÇÃO  
Leandro Zapata

Copyright © L. M. Montgomery, 1915  
Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2020

TÍTULO ORIGINAL  
***Anne of the Island***

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
***Lilian Vaccaro***

PRODUÇÃO GRÁFICA  
***Giovanna Vaccaro***

TRADUÇÃO  
***Leandro Zapata***

PREPARAÇÃO  
***Monique Dorazio***

REVISÃO  
***Bianca Gulim***

CAPA  
***Mirella Santana***

DIAGRAMAÇÃO  
***Michael Vasconcelos***

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Montgomery, L.M.  
Anne da Ilha / L. M. Montgomery; tradução de Leandro Zapata. – 1ª edição – São Paulo:  
Coerência, 2020

Título original: Anne of the Island  
ISBN: 978-65-87068-53-4

1. Literatura infantojuvenil I. Título

CDD: 028.5



**São Paulo**  
Avenida Paulista, 326,  
cj 84 - Bela Vista  
São Paulo | SP – 01.310-902  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

*Para todas as meninas do mundo  
inteiro que “queriam mais” sobre Anne.*



*Todas as preciosidades descobertas tardiamente  
Para aqueles que as buscam se manifestam,  
Pois o Amor trabalha com o Destino,  
E tira o véu do oculto valor.*

Tennyson







# I



## A SOMBRA DA MUDANÇA



— “Passou a época da colheita, acabou o verão” — citou Anne Shirley sonhadoramente, olhando através do campo aparado.

Ela e Diana Barry estiveram colhendo maçãs no pomar de Green Gables, mas agora descansavam de seu trabalho em um canto ensolarado, no qual incontáveis sementes aéreas de dentes-de-leão flutuavam, conduzidas pelo vento ainda doce do verão, com um perfume de samambaias vindo da Floresta Assombrada.

Entretanto, tudo na paisagem ao redor delas apontava para o outono. O mar produzia um rugido sepulcral ao longe, os campos estavam vazios e secos, listrados de virgáureas. O vale na parte baixa de Green Gables estava coberto de ásteres de um roxo etéreo, e o Lago das Águas Brilhantes era azul, *azul*, azul. Não o mutável azul da primavera ou o pálido azul do verão, mas um azul limpo, estável e sereno, como se a água tivesse passado por todos os humores e tensões das emoções e houvesse se fixado em uma tranquilidade inquebrável mesmo por sonhos inconstantes.

— Foi um ótimo verão — disse Diana, girando a nova aliança em sua mão esquerda com um sorriso. — E o casamento da srta. Lavendar pareceu ter vindo para coroar a estação. Imagino que o sr. e a sra. Irving estejam na costa do Pacífico agora.



— A mim parece que eles estão longe, a tempo o bastante para dar uma volta ao mundo. — Suspirou Anne. — Não acredito que apenas uma semana tenha se passado desde que se casaram. Tudo mudou. A srta. Lavendar e o sr. e a sra. Allan partiram. A mansão parece tão solitária com todas as venezianas fechadas! Passei por ela na noite passada e senti como se todos que moravam ali tivessem morrido.

— Nunca vamos conseguir um pastor tão bom quanto o sr. Allan — disse Diana com uma convicção triste. — Imagino que teremos todos os tipos de substitutos neste inverno e metade dos domingos nem terão sermão. E quando você e Gilbert partirem... tudo será terrivelmente tedioso.

— Fred estará aqui — insinuou Anne astutamente.

— Quando a sra. Lynde vai se mudar? — perguntou Diana, como se não tivesse ouvido o comentário de Anne.

— Amanhã. Fico feliz que ela venha, mas será outra mudança. Marilla e eu esvaziamos nosso quarto de hóspedes ontem. Sabia que odiei fazê-lo? Claro que é bobo, mas pareceu que estávamos cometendo um sacrilégio. Aquele velho quarto de hóspedes sempre me pareceu um santuário. Quando criança, eu achava que era o aposento mais bonito do mundo. Você se lembra de que eu tinha um intenso desejo de dormir em um quarto de hóspedes, mas não no de Green Gables? Oh, não, nunca lá! Seria algo muito terrível; eu não conseguiria dormir um segundo por causa do entusiasmo. Nunca *andei* pelo quarto quando Marilla me mandava cumprir uma tarefa. Não, não mesmo. Eu ia na ponta dos pés e prendia a respiração, como se estivesse na igreja, e me sentia muito aliviada quando saía dele. Os quadros de George Whitefield e do duque de Wellington estavam pendurados lá, um de cada lado do espelho. Eles me encavam com uma carranca muito severa toda vez que eu entrava, especialmente se ousasse espiar o espelho, que era o único na casa que não distorcera meu rosto nem um pouco. Eu sempre me perguntava como Marilla ousava limpar aquele quarto. E agora não apenas está limpo, como vazio. George Whitefield e o duque de Wellington foram renegados ao corredor do andar superior. “Assim passa a glória deste mundo” — concluiu Anne, com uma risada na qual havia uma pitada de pesar.

Nunca é prazeroso ter nossos velhos santuários desconsagrados, mesmo depois de ficarmos crescidos demais para eles.

– Ficarei tão solitária quando você partir – queixou-se Diana pela centésima vez. – Só de pensar que você parte na semana que vem!

– Mas ainda estamos juntas – animou-a Anne. – Não devemos deixar que a próxima semana nos roube as alegrias desta. Também odeio o pensamento de partir; afinal, meu lar e eu somos muito amigos. E só de pensar na solidão! Eu que deveria lamentar. *Você* ficará aqui com a maioria de nossos amigos e Fred. Enquanto eu estarei sozinha entre estranhos, não conhecendo uma alma sequer!

– *Exceto* Gilbert e Charlie Sloane – disse Diana, imitando as entonações e a astúcia de Anne.

– Charlie Sloane será de grande conforto, é claro – concordou Anne sarcasticamente. As duas jovens donzelas irresponsáveis riram. Diana sabia exatamente o que Anne pensava sobre Charlie Sloane, mas, apesar de incontáveis conversas confidenciais, ela não sabia o que Anne pensava sobre Gilbert Blythe. Que ficasse claro, nem a própria Anne sabia. – Os meninos podem ficar hospedados do outro lado de Kingsport, até onde eu saiba – Anne continuou. – Estou feliz de ir para Redmond e tenho certeza de que vou gostar depois de um tempo. Mas, nas primeiras semanas, sei que não gostarei. Nem sequer terei o conforto de esperar pelo fim de semana para vir visitar minha casa, como eu tinha quando frequentava a Queen’s. E o Natal parece estar a mil anos de distância.

– Tudo está mudando ou irá mudar – disse Diana tristemente. – Tenho a sensação de que as coisas jamais serão as mesmas outra vez, Anne.

– Chegamos a uma encruzilhada, imagino – falou Anne, pensativa. – Tínhamos de chegar. Você acha, Diana, que ser adulta é tão bom quanto costumávamos imaginar quando éramos crianças?

– Não sei... *Algumas* coisas são boas – respondeu Diana, outra vez acariciando sua aliança com aquele sorriso que sempre causava em Anne o sentimento de abandono e inexperiência –, mas também há muitas coisas confusas. Às vezes, sinto que ser adulta apenas me assusta e daria tudo para ser uma garotinha de novo.

— Imagino que nos acostumaremos a ser adultas com o tempo — disse Anne, animada. — Chegará um momento em que não haverá tantas coisas inesperadas, embora, no fim das contas, imagino que sejam as coisas inesperadas que dão sabor à vida. Nós temos dezoito anos, Diana. Daqui a dois anos, teremos vinte. Quando eu tinha dez, achava que vinte era o começo da velhice. Em pouco tempo, você será uma sensata matrona de meia-idade, e eu serei a boa e velha solteirona tia Anne, visitando você durante as férias. Você sempre vai ter um cantinho para mim, não vai, querida Di? Não um quarto de hóspedes, é claro, pois velhas solteironas não podem aspirar a quartos de hóspedes. Serei tão humilde quanto Uriah Heep e ficarei satisfeita com um cubículo acima da varanda ou fora da sala de estar.

— Que coisas sem sentido você fala, Anne. — Diana riu. — Você se casará com alguém esplêndido, lindo e rico, e nenhum quarto de hóspedes em Avonlea terá metade da beleza que você merece. E você torcerá o nariz para todos os seus amigos da juventude.

— Isso seria uma pena, pois meu nariz é muito bonito, e temo que torcê-lo iria estragá-lo — disse Anne, batendo levemente no nariz bem formado. — Não possuo tantos bons atrativos assim para poder estragar os que tenho. Então, mesmo que eu me case com o rei das Ilhas Canibais, prometo que não vou torcer o nariz para você, Diana.

Com outra risada alegre, as meninas se separaram. Diana voltaria para Orchard Slope e Anne caminharia até a estação dos correios. Encontrou uma carta esperando por ela, e, quando Gilbert Blythe a encontrou na ponte sobre o Lago das Águas Brillhantes, ela estava brilhando de entusiasmo pela correspondência.

— Priscilla Grant também irá para Redmond! — ela exclamou. — Não é esplêndido? Eu estava torcendo por isso, mas ela não achava que o pai daria permissão. Entretanto, ele deu, e nós ficaremos alojadas juntas. Sinto que posso encarar um exército ou todos os professores de Redmond em uma única linha de frente com uma amiga como Priscilla ao meu lado.

— Acho que iremos gostar de Kingsport — disse Gilbert. — É um bom e velho vilarejo, me disseram, e eles têm o melhor parque natural do mundo. Soube que as paisagens lá são magníficas.

— Eu me pergunto se serão, se podem ser, mais bonitas do que estas — murmurou Anne, observando à sua volta com os olhos extasiados e apaixonados, daqueles cujo “lar” é sempre o lugar mais lindo do mundo, não importando que belas terras possam existir sob estrelas estrangeiras.

À beira da ponte, estavam inclinados sobre o velho lago, absorvendo profundamente o encanto do crepúsculo, no exato lugar onde Anne havia subido em seu bote naufragante, *Dory*, no dia em que Elaine quase afundara para Camelot. O belo e purpúreo tom do pôr do sol ainda manchava os céus do Oeste, mas a lua estava subindo, e a água deitava-se como um grande e prateado sonho sob sua luz. A recordação teceu um doce e súbito feitiço sobre as duas jovens criaturas.

— Você está muito quieta, Anne — disse Gilbert finalmente.

— Estou com medo de que falar ou me mover acabará com essa maravilhosa beleza — respondeu Anne.

Gilbert, de repente, tocou a branca e fina mão pousada sobre o gradil da ponte. Seus olhos castanhos se aprofundaram na escuridão, seus lábios ainda de menino se abriram para dizer algo proveniente de seus sonhos e esperanças, algo que acelerava sua alma. Mas Anne puxou sua mão de uma vez e se virou rapidamente. O feitiço do crepúsculo sobre ela se quebrara.

— Devo ir para casa — declarou, com uma ausência de cuidado um tanto exagerada. — Marilla teve uma dor de cabeça esta tarde, e tenho certeza de que os gêmeos estão fazendo travessuras horríveis a esta hora. Eu não deveria ter ficado longe por tanto tempo.

Ela tagarelou incessante e inconsequentemente até atingirem a estrada de Green Gables. O pobre Gilbert mal teve a chance de falar. Anne se sentiu um tanto aliviada quando se separaram. Havia um segredo novo e autoconsciente no coração de Anne em relação a Gilbert desde aquele momento passageiro de revelação no jardim de Echo Lodge. Algo estranho havia se intrometido na velha e perfeita amizade de escola — algo que ameaçava estragar tudo.

*Nunca me senti feliz ao ver Gilbert ir embora antes, ela pensou, um pouco ressentida e um pouco triste, enquanto caminhava sozinha pela estrada. Nossa amizade será destruída se ele continuar com essa coisa sem*

*sentido. Ela não pode ser destruída! Não permitirei. Oh, por que meninos não podem ser sensatos?*

Anne carregava uma dúvida inquietante: era estritamente “sensato” que ainda sentisse a pressão morna da mão de Gilbert sobre a sua tão distintamente quanto sentira no pequeno segundo em que repousara lá? E ainda menos sensato era o fato de a sensação estar longe de ser desagradável — muito diferente da que sentira em uma demonstração similar da parte de Charlie Sloane, quando ambos dançavam em uma festa em White Sands três dias antes. Anne tremeu com a lembrança incômoda. Mas todos os problemas conectados a pretendentes apaixonados desapareceram de sua cabeça assim que entrou na atmosfera casual e sem sentimentos da cozinha de Green Gables, onde um menino de oito anos estava chorando penosamente no sofá.

— Qual é o problema, Davy? — perguntou Anne, pegando-o no colo. — Onde estão Marilla e Dora?

— Marilla está... está colocando Dora para dormir — gaguejou Davy. — E estou chorando porque Dora caiu na escada externa no porão, de pernas para cima, e arrancou toda a pele do nariz, e...

— Oh, bem, não chore por isso, querido. Claro, nós ficamos tristes por ela, mas chorar não vai ajudá-la em nada. Ela estará bem amanhã. Chorar nunca ajuda ninguém, menino Davy, e...

— Eu não estou chorando porque Dora caiu no porão — disse Davy, interrompendo o discurso bem-intencionado de Anne com uma amargura crescente. — Estou chorando porque não estava lá para vê-la cair. Eu sempre perco uma ou outra diversão, me parece.

— Oh, Davy! — Anne engoliu uma risada ímpia. — Você acharia divertido ver a pobre e pequena Dora caindo nos degraus e se machucando?

— Ela não se machucou *tanto* — desafiou Davy. — Claro que, se ela tivesse morrido, eu teria ficado muito triste, Anne. Mas os Keith não morrem tão fácil. Somos como os Blewett, eu acho. Herb Blewett caiu do sótão do celeiro na última quarta, e rolou pela calha até cair em uma baía, na qual eles têm um cavalo selvagem e irado, de dar medo. Ele rolou para debaixo das patas do bicho. E ainda assim sobreviveu, com apenas três ossos quebrados. A sra. Lynde diz que existem algumas

pessoas que não podem ser mortas nem por um machado. A sra. Lynde virá aqui amanhã, Anne?

— Sim, Davy, e espero que você seja sempre muito gentil e bom com ela.

— Serei gentil e bom. Mas será ela quem me colocará na cama à noite, Anne?

— Talvez. Por quê?

— Porque — disse Davy muito decididamente —, se for ela, não vou orar na frente dela como faço com você, Anne.

— Por que não?

— Porque não acho que seria legal conversar com Deus na frente de estranhos, Anne. Dora pode orar na frente da sra. Lynde se quiser, mas *eu* não farei isso. Vou esperar até ela sair. Tudo bem fazer assim, Anne?

— Se tem certeza de que não irá se esquecer de orar, menino Davy.

— Oh, não esquecerei, pode apostar. Acho que orar é muito divertido. Mas não será tão legal orar sozinho quanto é com você. Eu queria que você ficasse em casa, Anne. Não quero ver você partir e nos deixar.

— Não *quero* exatamente, Davy, mas sinto que devo ir.

— Se não quer, não precisa. Você é adulta. Quando eu crescer, não vou fazer uma única coisa que não queira, Anne.

— Durante toda a sua vida, Davy, você fará coisas que não quer fazer.

— Não vou — disse Davy categoricamente. — Você vai ver! Agora tenho de fazer coisas que não quero porque você e Marilla me mandam para a cama se eu não fizer. Mas quando eu crescer, vocês não poderão fazer isso, e não haverá ninguém para dizer o que não fazer. Serei muito feliz! Diga, Anne, Milty Boulter conta que a mãe dele diz que você está indo para a faculdade para arrumar um namorado. É verdade, Anne? Quero saber.

Por um segundo, Anne queimou de ressentimento. Então, ela riu, lembrando-se de que a vulgaridade de pensamento e fala da sra. Boulter não poderia lhe fazer mal.

— Não, Davy, não é verdade. Estou indo para estudar, crescer e aprender muitas coisas.

— Que coisas?

— “Sapatos e barcos e cera para lacrar cartas. E repolhos e reis”  
— citou Anne.

— Mas se você *quisesse* arranjar um namorado, como você faria? Quero saber — persistiu Davy, quem evidentemente nutria certa fascinação pelo assunto.

— É melhor você perguntar à sra. Boulter — disse Anne, sem pensar.  
— Acho que ela sabe muito mais sobre o processo do que eu.

— Vou perguntar da próxima vez que a vir — disse Davy seriamente.

— Davy! Se você fizer isso! — gritou Anne, percebendo seu erro.

— Mas você acabou de me falar para fazer — protestou Davy, ofendido.

— É hora de ir para a cama — decretou Anne, numa tentativa de fugir daquele pequeno desentendimento.

Depois que Davy foi dormir, Anne andarilhou até a Ilha Victoria e sentou-se ali sozinha, iluminada pelo brilho melancólico da lua, enquanto a água ria ao seu redor com o dueto do riacho e do vento. Anne sempre amara aquele riacho. Muitos sonhos nasceram daquelas águas brilhantes em dias passados. Ela se esqueceu dos amores não correspondidos, dos discursos dos vizinhos maliciosos e de todos os problemas de sua existência de menina.

Em sua imaginação, navegou por aquele mar cheio de histórias, que lavavam as distantes praias brilhantes das “terras abandonadas das fadas”, onde a perdida Atlântida e o Eliseu estavam. A primeira estrela da noite era seu piloto até a terra do desejo do coração. E ela era mais rica nesses sonhos do que na realidade, pois as coisas vistas passam, mas as não vistas são eternas.